



Vozes dissonantes sobre a prostituição no Acre¹

Pollyana Dourado dos SANTOS²

Simone Antoniaci TUZZO³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

O presente estudo busca dialogar com as múltiplas vozes sobre a prostituição em Rio Branco, capital do Acre. A análise destes discursos dar-se-á a partir dos periódicos veiculados na referida cidade e de entrevistas com profissionais do sexo da mesma localidade. O artigo busca problematizar os discursos diversos sobre a comercialização sexual, a partir de uma reflexão dos atos comunicativos gerados pela mídia.

Palavras-chave: Mídia; Prostituição; Representações Sociais; Preconceito e Cidadania.

1. Prostituição: uma representação do avesso da modernidade

Este trabalho tem como perspectiva dialogar com os conflitos nos referenciais modernos de comportamento humano, bem como as contradições produzidas na modernidade, levantando questões relacionadas à prostituição e como a mídia aborda este tema. O ponto de partida desse debate é a questão do comércio sexual na sociedade pós-moralista, expondo as impressões identificadas após um convívio em espaços onde se realizam esta atividade, bem como relatos de pequenas interações com trabalhadoras de diferentes modalidades de prostituição.

Também busca suscitar algumas problemáticas acerca da prostituição, bem como os conflitos existentes entre sociedade e prostituta, evidenciando suas perspectivas morais e dialogando, sobretudo, com os discursos modernizantes que são assimilados pela sociedade rio-branquense. Também analisa alguns periódicos da

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás, e-mail: pollyanadourado@hotmail.com.

³ Orientadora do Trabalho. Professora Dra. Simone Antoniaci Tuzzo, Professora Efetiva do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG, Especialização e Mestrado, e-mail: simonetuzzo@hotmail.com.

década de 1990 que traduzem o pensamento de tais períodos históricos referentes à prostituição e as relações sociais que as comportam, buscando compreender como aqueles que não fazem parte do universo de prostituição vêem as prostitutas, tendo em vista que nas relações intergrupais, ser prostituta é pertencer a uma outra categoria de representação social.

Indagar soluções acerca dos abismos sociais, das desigualdades, das intolerâncias, dos preconceitos de diversos âmbitos, enfim, estabelecer supostos caminhos a serem seguidos ou realizados, torna-se complicado e cada vez mais distante de nossa realidade. O “mal-estar” da pós-modernidade que Bauman analisa é resultado das iluminadas afirmativas cartesianas que levariam à emancipação humana e que por fim deu lugar de destaque para um período de totalitarismos insustentáveis no século XX, além de não terem respondido às expectativas estimadas. (BAUMAN, 1998)

Os iluministas fizeram um conjunto de promessas sobre emancipação e desenvolvimento humano, que deu lugar a um conceito conhecido como modernidade para contrapor ao que se convencionou chamar de idade das trevas. Essas promessas não alcançaram suas metas, tendo em vista que se vive, hoje, uma crise de identidade. Paul Valéry nos convida a refletir sobre essa questão:

O mundo moderno em toda a sua potência, de posse de um capital técnico prodigioso, inteiramente penetrado de métodos positivos, não soube, entretanto, estabelecer uma política, uma moral, um ideal, nem leis civis ou penais que estivessem em harmonia com os modos de vida que criou e mesmo com os modos de pensamento que a difusão universal e o desenvolvimento de certo espírito científico impõem pouco a pouco a todos os homens. (Valéry, apud Novaes, 2004: 11)

Percebemos em Valéry o quão frustrante foram os discursos de desenvolvimento técnico como solução para a civilização, uma vez que a harmonia social tão sonhada por esses pensadores não se efetivou. Contradições sociais de todos os gêneros são intensamente presentes nos diversos âmbitos da sociedade moderna, em destaque o moralismo hipócrita que permeia nossos ares.

2. Olhares sobre o feminino

Portadora do pecado, da lascividade, da perversão, esta constitui-se como uma das representações eternizadas no universo feminino, deixando-as como responsáveis

pela “queda do homem”, a grande causadora das enfermidades mundanas. Sob esse julgo, a mulher ao longo de sua existência cria mecanismos de autonomia em relação a essas denominações negativas, na busca de superar tais estigmas.

A mulher também se constitui como categoria dentro de uma perspectiva classista, definidora de uma ideologia feminista vivenciada essencialmente na década de 60, levada a exigir direitos iguais, no intuito de executar a mesma quantidade de poder exercida pelo indivíduo do sexo masculino. O movimento feminista nasce e se firma como revolucionário, no intuito de tornar igual o diferente, passando pelo trajeto de masculinizar o feminino. No entanto, tal filosofia tentou inibir o debate sobre as particularidades femininas, generalizando a ascensão feminina pelo fato da mesma adentrar ao mercado de trabalho para competir intelectualmente com o seu adversário – O homem. (AZERÊDO, 2007: 53). Para Piscitelli:

Entre as discussões feministas, que estão longe de expressar posições unificadas, algumas (abolicionistas) manifestariam, sobretudo, um interesse na extinção da prostituição. Evocando argumentos e reiterando posicionamentos presentes nos debates anglo-saxões sobre pornografia da década de 1980 (Piscitelli, 2003:215), essas últimas abordagens afirmam que a prostituição reduz as mulheres a objetos e é sempre e necessariamente degradante e danificadora para as mulheres. (PISCITELLI, 2004: 294)

O movimento feminista não compartilha de um modelo único de filosofia, existem várias facções dentro desta categoria: umas lutando, insistentemente, por direitos iguais, outras assumindo as diferenças e afirmando que elas devem ser respeitadas, enfim, diversos pontos de vistas são encontrados nesse movimento. Porém, existe um enorme esforço em expor à sociedade o quão evoluído é o “ser mulher”, para isso devem trucidar todos os estigmas construídos a partir de Eva e Maria Madalena procurando estabelecer uma relação nova a partir do rompimento com o pecado herdado pelos antepassados. (GREGORI, 2004: 238).

Desde o papel sexual, de sujeito responsável diretamente pela procriação, até sua atuação no mercado de trabalho, a sexualidade feminina encontra-se em confronto no universo falocêntrico, em que esta vive em meio AO e para O mundo masculino. Sobre a mulher, a modernidade buscou além de torná-la parte do espaço público voltado ao mercado de trabalho, que ela fosse versátil e eficaz nos afazeres domésticos, bem como

no cuidado com os filhos, utilizando suas singularidades maternas como o carinho e atenção insubstituível do enigma feminino.

A mulher com seu arquétipo de “Eva: a raiz do pecado” é pauta desde os primórdios nos debates acadêmicos, bem como das exortações bíblicas, medicinais, entre outras. Sobre essa temática, Emanuel Araújo, analisa a sexualidade feminina no Brasil Colônia, fazendo uma leitura sobre como esse “ser feminino” era trabalhado pela medicina nesse período histórico:

Eles procuravam entender, explicar e catalogar o que a mulher sabia e fazia com naturalidade, apoiada em uma experiência ancestral. Mapeavam o corpo feminino e, um tanto desnorteados e desastrados, inventavam interpretações para o funcionamento e para os males da vulva, da menstruação, do aleitamento, do útero, com as respectivas prescrições. (ARAÚJO, 2004: 52)

Contudo, o autor nos informa e esclarece que por mais que essas arbitrariedades quanto ao controle e curiosidade do feminino estivessem em voga, as mulheres não se permitiam ser adestradas por completo, reagiam de variadas formas à adequação comportamental quanto ao uso, sobretudo, as formas de desuso do corpo. (ARAÚJO, 2004: 53)

No âmbito dos Direitos Humanos à mulher tem sido destinado leis com certas peculiaridades, que tentam superar uma história de intensas privações e exclusões. Contudo, é de se pensar em que termos a efetivação dessas leis contribuem para a atuação feminina na esfera política, econômica e familiar.

3. O discurso midiático e a prostituição no Acre

Uma cidade que comporta aproximadamente 300 mil habitantes, com características de capital agitada, mas que ainda comporta relações entre vizinhos, amigos e parentes, tornando-os de certa forma próximos, acarretando uma relação de controle e vigilância sobre o outro, eis uma característica da moderna capital acreana.

As prostitutas neste local são vistas nas esquinas da Via Chico Mendes comportando-se de forma avessa aos padrões modernos de conduta feminina. As moças que se prostituem estão presentes na história rio-branquense com diversas funções sociais, além de estabelecerem uma organização interna na efetivação do seu trabalho,

bem como na relação com as demais prostitutas e os seus “protetores” ou “guarda costas” noturnos.

Rio Branco comporta diversas modalidades de prostituição: as trabalhadoras dos prostíbulos oficiais, as autônomas das ruas (Rio de Janeiro, Benjamin Constant, Via Chico Mendes, entre outras). Além daquelas que buscam ocasionalmente fazer programas nas pensões e bares situados em mercados. Jornais locais são portadores de modelos ideais a serem seguidos pela moças de família em Rio Branco, como é o caso de um artigo publicado no Jornal *Repique* na década de 80 que traz dois exemplos de moças que “perderam-se na vida”.⁴

Podemos perceber no anexo 2 deste trabalho a intensidade de juízos de valor arbitrário emitido pelo jornal *Repique* através da forma como ele se refere aos “namoradinhos insistentes” das moças que como “vítimas” desses verdadeiros “lobos-maus”, tiram a pureza das “pobres donzelas indefesas”. Padrões comportamentais baseados na ética cristã estão intensamente presentes no discurso do *Repique*, ao impor aos seus leitores um modelo de vivência de moças, mostrando o quão “frustrante” é a vida na prostituição, como se tal profissão fosse algo condenativo para a eternidade e o pior dos pecados. Demonstrando aversão a essa profissão, *Repique* acusa os rapazes que insistem em ter relação sexual fora do casamento como culpado pela inserção das moças nessa atividade, como se as mesmas não possuíssem condições psicológicas de rejeitar a proposta, como se o fato de não serem virgem as submetessem à condição de “mulher da vida”, ou como sujeitos despossuídos de valor perante a sociedade, além de considerar algo degenerativo.

A sociedade moderna se utiliza dos meios de comunicação para impor seus valores, este exemplo de *Rosa e Tereza* foi utilizado para “alertar” as moças “puras” de Rio Branco que se por acaso perdessem a virgindade antes do casamento; a prostituição poderia ser uma consequência de tal erro, como se elas perdessem o “valor” após ter a primeira relação sexual fora do casamento. De forma alguma está sendo colocada em questão a idade das moças citadas pelo jornal, considerando-se um crime a exploração sexual de menores de idade. Pensemos, então, sobre como os discursos moralizantes desse meio de comunicação, que colocando-se em uma “missão social”, expôs dois exemplos de pessoas que se sentiram vítimas de seus ex-namorados por terem tido

⁴ Jornal circulado nos anos 1984 e 1985, pela direção de Elson Martins e edição geral de Sílvio Martinello. Arquivo pesquisado no CDIH (Centro de Documentação e Informação Histórica).

relações sexuais antes do casamento, em uma forma de mostrar o “mal” que pode causar tal ato.

Uma pesquisa realizada por acadêmicos do curso de História da Universidade Federal do Acre sobre a prostituição no bairro Papouco, local histórico do comércio sexual no Acre, detectou três tipos de prostituição: *prostituta profissional*, *prostituta ocasional* e *prostituta moral*. (MORAIS, 1993:38)

Tais classificações utilizadas, mesmo que de forma didática, tentam traçar o perfil de sujeitos que possuem seu caráter e personalidade postos à prova devido ao uso que fazem de seus corpos. Entendendo que os sujeitos possuem autonomia sobre seu corpo, ideias e escolhas, o uso do corpo nesse caso constitui-se como um elemento de exclusão, em que tais mulheres são vistas como portadoras do pecado e da lascividade.

Por consequência, esses estereótipos acabam sendo assimilados por muitas trabalhadoras do sexo, que se sentem como seres possuidores de dinheiro sujo e amaldiçoado quando perguntei sobre o que ela achava sobre considerarem sua profissão como proporcionadora de “dinheiro fácil”: “*Não é mais fácil assim, mas é um dinheiro amaldiçoado, eu acho assim. Porque a gente já ganha esse dinheiro assim, você ganha hoje e amanhã você num tem*”, disse Pétala.⁵

O fato de o salário mínimo ser distribuído uma vez por mês faz com que as pessoas sejam automatizadas a esperá-lo em uma data fixa, o que torna algo estável na vida dos trabalhadores. Na fala de Pétala percebemos que o seu dinheiro torna-se “amaldiçoado” justamente pela falta de estabilidade em relação à quantidade e a frequência com que ela o consegue. A prostituição constitui-se, nessa situação, como uma atividade autônoma, em que as mulheres que trabalham no respectivo bar não estão submetidas ao proxenetismo e nem submissas a um regime de trabalho com carga horária estabelecida.

Os meios de comunicação local contribuem na divulgação dos padrões de comportamento sexuais ditos “normais” e, portanto, aceitos pela sociedade rio-branquense. Temos o exemplo de um discurso divulgado em um jornal local, em um artigo que está intitulado como: “*Difícil vida fácil ainda anima Rio Branco*”, onde é feita uma reflexão e um histórico sobre a vida de mulheres que alugam seu corpo, momentaneamente, para práticas sexuais. Eis um trecho do artigo onde o jornalista faz uma análise da prostituição em Rio Branco:

⁵ Nome fictício utilizado para preservar a identidade da trabalhadora.

Os antros de prostituição no estilo tradicional estão em franca decadência. Hoje, estão restritos a alguns pontos localizados em bairros como o 15, Papoco, Estação e 6 de Agosto. Nesses locais ainda são conservadas, sempre acesas, as luzes vermelhas da cor do pecado. Os bordéis do bairro 15 é imagem acabada da decadência imposta pela liberalização dos costumes e padrões morais somados a competição com profissionais mais jovens, bem vestidas e detentoras de “macetes” importados de outros centros mais desenvolvidos na arte de vender o corpo. (Jornal O Rio Branco, 01/04/1990)

Notamos qual é a representação da prostituição para o autor deste artigo ou para a editoria do respectivo jornal ao afirmar que esses espaços de trabalhos onde mulheres que comercializam práticas sexuais, constituem a “imagem acabada da decadência”. Esses conceitos que impõe padrões de comportamento considerado digno permeiam até mesmo os espaços considerados *moderno*, pois percebemos uma intensa carga de pensamentos degenerativos em relação a um espaço que comporta diversas relações sociais, inclusive, constitui-se como um local alternativo de relações comerciais, que rompem com os trabalhos considerados normais e, portanto, aceitos, na sociedade moderna.

A história das mulheres é repleta de desigualdades entre os sexos, onde a mulher considerada como ser de caráter duvidoso desde sua criação, recebeu um tratamento jurídico, social e político diferenciado em sua trajetória. Rachel Soihet em *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*, nos informa alguns dados à cerca de algumas arbitrariedades jurídicas: “No Brasil, de acordo com o Código Penal de 1890, só a mulher era penalizada por adultério, sendo punida com prisão celular de um a três anos. O homem só era considerado adúltero no caso de possuir concubina teúda e manteúda”. (SOIHET, 2004: 365).

Parece-me que estamos diante de dois aspectos reveladores do comportamento feminino do século XVIII, tais preceitos contribuíram de forma significativa para a efetivação do seguinte estereótipo: “mulher de família fica em casa cuidando dos filhos”. Enquanto seus respectivos conjugues estavam livres para relacionar-se com outras mulheres, exceto as prostitutas, pois elas ameaçavam a estabilidade financeira da família.

Contudo, cabe pensarmos se tais situações foram efetivamente abolidas da sociedade “pós-moralista”, será que passamos a compreender as singularidades femininas? Será que já superamos a dicotomia “mulher de família” x “mulher de puteiro”? Questões como essa se tornam necessárias nesse debate para pensarmos por

quê o Brasil, conhecido como o país do carnaval, que denota um sentido liberal em relação aos costumes, não legalizou tal profissão?

4. Democratização sexual ou apelo midiático?

Sabemos que a comercialização sexual constitui-se, substancialmente, da exposição corporal de sujeitos que se submetem a tais práticas, logo, esse universo exige um padrão físico visivelmente desejável e em se tratando de locais considerados promíscuos, conhecido popularmente como baixo meretrício, esse ideal de corpo escultural não se torna regra absoluta, pois se permite uma variedade de perfis, que em outro contexto social poderia ser considerado inaceitável, vindo que, nesses espaços passa a receber existência significativa: *“Tem homem que gosta de gorda, tem homem que gosta de magra, tem homem que gosta de loira, morena, baixa, alta. Tem gosto pra tudo”*.⁶

A moça que manteve uma pequena conversa foi enfática em afirmar que no espaço de trabalho em que ela se encontra existe a possibilidade de rompimento com padrões modernizantes de beleza e de obtenção de prazer, justificando essa teoria a partir do pluralismo de estilos de consumidores: *“Tem um homem que vem que ele é homossexual, ele vem só pra ir pro quarto com ela, vestir a roupa dela e ficar alisando ela e pede pra ela ficar alisando ele. Ele não transa, entendeu! Ele vem só pra se divertir.”*⁷

A diversidade de “estilos” existente no universo do consumo de prazeres sexuais estão presentes como forma democrática de escolhas, porém há que pensar que esse fato não exclui a existência, e em alguns casos, a predominância de um modelo de corpo desejável e portanto, sexy, dentro da logística do comércio sexual.

Todo esse regime quanto ao uso do corpo (FOUCAULT: 1984), parece nos levar a reflexão a cerca do sentido de tais práticas. Uma profissional que trabalha comercializando práticas sexuais é reprovada pela sociedade pelo uso que faz do seu corpo, apesar de compreender que tal atividade está diretamente ligada à autonomia que cada sujeito possui com seu corpo, essa profissão acaba por tornar-se de domínio e preocupação pública.

⁶ Prostituta de uma casa noturna em Rio Branco, Gabriela.

⁷ Prostituta de um bordel em Rio Branco, Girassol.

A prostituta constitui-se uma aberração na dita civilização, pois ela quebra algumas barreiras impostas pelo discurso modernizante da ciência sexual, bem como do regime das condutas sexuais aceitas pela *res publica*. Os pós-modernos apesar de terem afrouxado certos dogmas e até mesmo banido muitos deles, ainda mantém idealizações quanto ao uso do corpo, que os fazem idênticos aos gregos clássicos e aos pertencentes às “trevas”.

Contudo, parece-nos que a grande preocupação dos modernos é com a trajetória do processo civilizatório, que tem como parada fundamental o culto ao corpo como um novo arquétipo de felicidade humana. A busca pelo ideal de bem-estar social está relacionada com a saúde perfeita, com o corpo moldado e sujeito a todas as exigências necessárias na construção do hiper-homem ou super-homem.

Na sua fase hodierna, na qual a comunicação torna-se o elo mais poderoso do processo de globalização, identifica-se o surgimento de uma nova utopia em substituição àquelas perdidas ou ainda inacessíveis: uma utopia centrada no corpo, na saúde em aliança com a beleza. As informações sobre os problemas de saúde e as formas de se chegar à aparência de beleza circulam pelo mundo, atravessam as diferentes culturas pela força de penetração dos meios de comunicação de massa [...] SILVA(2001:60).

Os meios de comunicação possuem papel fundamental na reprodução dos modelos ideais de corpo perfeito, higienizado, belo e saudável. Somos atingidos diariamente por inúmeras propagandas publicitárias dizendo: “faça isso, compre aquilo, seja isso e use aquilo”. Seguindo a lógica capitalista dos séculos XIX e XX, os “hipermodernos” são induzidos ao consumismo na tentativa de alcançar o padrão de beleza exigido nas passarelas da semana de moda da América Latina: São Paulo Fashion Week. (SILVA,2001: 60).

Ana Márcia Silva nos presenteia com reflexões que conseguem traduzir grande parte dos dilemas vividos pelos habitantes do mundo globalizado, onde a comunicação instantânea tomou o espaço dos regimes totalitários. Agora é a comunicação quem permeia a vida dos habitantes da nova galáxia, não sem regras e princípio ordeiro, porém, seu percurso é feito por um viés diferente do que foi feito na era dos extremos.

Dentro dessa lógica, o comércio sexual acaba tornando-se uma fonte bastante lucrativa. Os produtos culturais utilizam o sexo como o grande segredo do sucesso, não

utilizando-o de forma ostensiva e em demasia, mas como pano de fundo de suas mensagens, sobretudo, visuais.

O universo do comércio sexual carrega um conjunto de valores estéticos voltados ao culto do corpo, inclinando suas atenções a esse aspecto como sendo a matriz de todos os desejos. O corpo seria a imagem materializada da felicidade, tendo que ser cuidado, higienizado, enfeitado e, sobretudo, modificado, de acordo com as exigências que esse mercado faz. O espaço voltado para a obtenção do prazer dentro dos estigmas modernos é, portanto, caro e seletivo, ele faz parte do que chamamos de mercado de luxo, isto em se tratando de obedecer aos padrões da moda da sexualidade. Mas é óbvio que seu avesso é predominante, uma vez que estamos tratando de um país rico em desigualdades, sobretudo, financeiras. Sobre esse aspecto, Silva, A. M (2001, p.4), faz a seguinte reflexão:

A expectativa de corpo fundada a partir de seu culto, que é, em grande medida, de natureza narcisista, contrasta com a situação vivenciada por grande parte da humanidade que convive cotidianamente, com os flagelos da fome e da doença; para a grande maioria a expectativa de corpo se pauta por seu definhamento. Constituiu-se, assim, uma situação paradoxal: no momento em que toda a humanidade poderia estar usufruindo das promessas da Modernidade e dos decantados avanços da ciência, a maior parte dela não tem, nem mesmo, as condições básicas para uma vida digna.

Silva (2001) expressa minuciosamente um dos maiores contrastes vivenciados em nossa sociedade de consumo, que está submetida aos maiores males já vivenciados historicamente, como doenças até hoje incuráveis como a AIDS, e que ao mesmo tempo sente a necessidade de estabelecer diálogos com objetos de consumo, incansavelmente, sempre criando novos campos de atuação para exercer seus anseios de possuir tudo e todos instantaneamente. É notório que essa sociedade é portadora de artifícios que estimulam tais práticas, como é o caso, da magnífica indústria propagandística, uma das maiores responsáveis por tornar os corpos dos sujeitos sociais em manequins de ilustradas vitrines de moda. Todavia, a modernidade comporta intrinsecamente seus avessos como parte integrante de sua fisionomia, nos quais estes padrões encontram-se presentes em várias relações sociais.

Conclusão

Entendo que cada ato comunicativo estabelece formas particulares de interação e de construção de diferentes sentidos, é possível compreender, em uma visão mais ampla, que a comunicação de fato é o suporte básico das representações sociais, em especial da representações de Prostitutas do Rio Branco.

Partiu-se do pressuposto de que representação e comunicação são pré determinadas, caracterizam-se como atos comunicativos que, ao tentarem restabelecer a identidade de um grupo, (re)constroem a identidade do outro. O discurso da mídia é o do senso comum, marca definitivamente a relação entre coisa e signo, cujo contexto comunicacional é cada vez mais definidor das representações.

O cenário acaba caracterizando-se como de conflito, onde se constrói um *corpus* de notícias sobre a prostituição de uma determinada região do País.

Ao analisar também o discurso das prostitutas, apresenta-se a noção de situações potencialmente comunicativas de dois lados, refere-se em que sujeitos A e B (interlocutores) são ligados por interesses distintos.

Neste sentido, os meios de comunicação de massa além de formatarem os padrões que devem ser adotados pela coletividade, constroem ainda discursos sobre o politicamente correto, aceitável, moralmente articulado com as normas sociais. Para Tuzzo, os massa media são responsáveis pela formatação de uma opinião pública a partir das lógicas de poder instituídos, ou seja, eles são responsáveis por grande parte do que a sociedade entenderá por opinião pública (2005: 48)

Logo, em tempos de mídia, a hipermodernidade ou pós-modernidade discutida por Lipovetsky traz como eixo discursivo o espetáculo midiático como condição básica da existência em sociedade. Conduzindo-nos à ideia de que os meios são as representações de uma ideal democracia (2004).

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Gerson R.; FÉLIX, A. Cezar; SOUZA, Sérgio R. **De bêbados e “putas”: a “escola faltou ao encontro”**. In: 15 textos de História da Amazônia. Rio Branco: UFAC/ Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários, 1998.

ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia**. In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

AZERÊDO, Sandra. **Preconceito contra a “mulher”: diferença, poemas e corpos**. São Paulo: Cortez, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal – estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BEZERRA, M.José, SILVA, M. Rita Costa da, CAMPO, M. Madalena Guedes. **Damas da noite: sexualidade e prazer como estratégias de sobrevivência.** Rio Branco: Globo, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade III: o cuidado de si.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M.** In: Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira.** Barueri, São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos.** Barueri, SP: Manole, 2005.

_____. **A terceira mulher.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MORAIS, Auricélia Neves; FIDELIS, César V.; OLIVEIRA, Ocineide A. de; MELO, Rosângela M. S.; NASCIMENTO, Sebastiana de S. **Bairro Papouco: espaço de vida, prazer e sonho.** Rio Branco: FCRHCD, 1993.

NOVAES, Adauto (Org.). **Civilização e Barbárie.** São Paulo: Companhia das letras, 2004.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena, CARRARA, Sérgio (Orgs.). **Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade.** Campinas, São Paulo: autores associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano.** In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

TUZZO, Simone Antoniaci. **Deslumbramento coletivo: opinião pública, mídia e universidade.** São Paulo: Annablume, 2005.

Entrevistas:

Pétala e Rosa – prostitutas da pensão.

Gabriela e Girassol – prostitutas de casa noturna.

Anexos

Anexo 1 - Jornal A Gazeta

Data: 12 de janeiro de 1990

Página de notícias: Capa policial

Capixaba com fome sexual termina logrado por gata

O capixaba Benedito dos Santos, 39 anos, solteiro, residente na Rua Isaura Parente, s/nº, bairro Estação Experimental, decididamente numa de horror, pois há mais de um mês não via mulher na sua frente para fazer sexo, na noite de quarta-feira apelou. Disposto a tirar o atraso foi ao meretrício da 6 de Agosto, onde com muito sacrifício “ganhou” a companhia de Maria de Fátima Gomes Feitosa, de 23 anos mais feia que atraso de pagamento em véspera de carnaval.

O certo é que após beber a mulher recusou acompanhá-lo ao quarto de motel, acabou agredida, e quase estuprada pelo trabalhador em brasa, que dormia no xadrez no 5º Distrito Policial.

Na versão apresentada por Benedito Santos, ele realmente compareceu ao meretrício à procura de mulher pois não costuma ficar, muito tempo sem transar. Começou a beber então com Maria de Fátima, com quem acertara uma noite de amor num motel.

Passava de meia-noite quando os dois saíram e apanharam um táxi, mas nas proximidades da ponte metálica, a meretriz mandou que parasse e fugiu correndo. A atitude revoltou Benedito, pois a mulher havia bebido, recebido seu dinheiro adiantado, e agora lhe deixava na mão. Saiu em perseguição da fuleira, deu-lhe uns cocorotes e deu azar, ao ser flagrado por agentes do 5º Distrito Policial.

Anexo 2 – Jornal O Repiquete

Data: 14 de Janeiro de 1985.

Página de notícia: Matéria especial.

A DIFÍCIL VIDA DE ROSA E TEREZA

O primeiro passo da Rosa na prostituição foi dado quando tinha 13 anos, enganada por namorado.

Ele disse que se eu não desse, iria embora. Cedi para ele não me deixar. Mesmo assim fui abandonada.

Agora, Rosa está com 14 anos. Com o rapaz que mexeu com ela, não permaneceu mais do que 4 meses. Depois disso, começou a sair com algumas amigas, que a influenciaram bastante a cair na vida. Daí passou a ganhar “coisinhas” saindo com “coroas”. Ela dá preferência aos mais velhos, porque eles pagam melhor.

Como Rosa, a maioria dessas garotas entre 12 e 16 anos é iludida; quando não, é forçada a fazê-lo. Algumas vão pela necessidade financeira, outras são violentadas bruscamente, quando então são rejeitadas pela sociedade, não podendo mais se recompor diante dela.

A depravação de mulheres tão jovens dá-se comumente nas periferias de Rio Branco a falta de orientação sobre sexo é suprema. Apesar de tudo isso, muitas trazem consigo a necessidade, a miséria e algumas carregam traumas. Os jornais estampam os estupros, que a cada dia que passa ocorrem com mais frequência. Na maioria dos casos há sempre um namoradinho insistente que promete “mundos e fundos” para ganhar a “mina”; depois que conseguem, na hora “H”, fogem como um animalzinho assustado.

Repiquete presenciou várias cenas. As menores prostituídas, geralmente, são encontradas nas praças, principalmente, na Plácido de Castro, um ponto já conhecido pelos velhos da grana ou com dinheiro suficiente para passar uma boa noitada. Eles oferecem entre 40, 80 e às vezes, até 100 mil cruzeiros, dependendo da “mercadoria”.

Em um famoso bairro de Rio Branco, apelidado, por Bostal encontra-se o que se pode chamar de uma “garota jeitosa”. Assim é Tereza, uma ex-prostituta, cheia de arrependimento e desgosto do seu passado. Ela entrou nessa vida com apenas 13 anos, quando namorava um rapaz e este lhe fez um convite para jantar fora. Sem que ela notasse o namorado colocou, na bebida, pílulas para dormir. Quando Tereza acordou já

estava suja de sangue e em um motel fora da cidade. Três dias depois ele casou-se com outra.

Com olhar tristonho, 18 anos, ela declara seus sofrimentos, depois disso: “Todos passaram a me olhar com outras intenções. Os rapazes não queriam somente a minha amizade, e ainda arranjei uma amiga que me botou a perder, em tudo. Já me considerava uma prostituta.

Tereza conta que sua mãe fica na dela, soube desde a 1ª vez, sabe de sua vida toda, e está lhe entendendo, enfrentando “numa boa” com ela. Não tem pai e seus dois irmãos mantêm a casa. Atualmente está vivendo com um garoto, e afirma: “A única pessoa com quem já mantive relações sexuais de verdade com amor e carinho, foi com esse cara. Para mim não existiu outro homem, a não ser ele. A gente leva uma vida social, legal. Já namorava com ele quando ficava com outros por aí; antes não gostava dele, depois fui me amarrando, agora a gente vive numa boa. Foi ele quem me tirou dessa vida”.

“É uma vida incrível – afirma Tereza. São todos os homens, qualquer um que se vê, oferece uma certa quantia e a gente já vai. Se é feio ou bonito ninguém sabe, só na hora que está na cama. Uns querem bater, maltratar, outros não pagam, bebem muito, na maioria só velhos. Se eu fosse sair com algum velho daqueles, tinha que beber. Às vezes tomava porre e ficava por aí; algumas vezes um conhecido de minha mãe me trazia para casa. Sentia vergonha e talvez tomando aquela bebida, ia enfrentar tudo, encarava tudo que eles quisessem.

Agora, quando lembro o que aconteceu, me dá vontade de chorar, sinto desgosto. Não penso mais nessa vida. E se por acaso aparecer outra oportunidade dessa, não aceitarei nunca, nunca mais na minha vida”.